

E Sarney faz a defesa da livre iniciativa

JORNAL DA TARDE

31 MAI 1985

"A iniciativa privada é a grande avançada da riqueza na vida democrática; sem liberdade econômica, não há liberdade política; onde a liberdade econômica entra em colapso, os direitos individuais acabam e a própria liberdade, no seu todo, morre." Estas declarações foram feitas ontem em Brasília pelo presidente José Sarney, ao receber uma comissão de empresários integrantes do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos (foto acima).

O ex-ministro Angelo Calmon de Sá falou de improviso afirmando que existe consenso entre os empresários brasileiros e norte-americanos que integram o Conselho, no entendimento de que a despeito de todos os problemas de ordem econômica e financeira, o País saberá superar a atual fase e retomar índices de crescimento compatíveis com suas potencialidades. Paul Orefice, presidente da seção norte-americana do Conselho frisou que há interesse do empresariado norte-americano em continuar investindo no Brasil, por haver confiança em suas perspectivas de desenvolvimento econômico.

O presidente Sarney salientou o trabalho do Conselho Empresarial frisando sua importância para manter o diálogo efetivo entre os responsáveis pelo comércio dos dois países, estimulando o fluxo bilateral de comércio e de cooperação industrial. Participam da reunião mais de 50 empresários dos dois países, sendo a primeira etapa em

Brasília e a segunda em Salvador, a partir de hoje.

Cooperação

"O entrelaçamento de interesses é de tal ordem e os investimentos dos EUA em nosso país têm uma expressão tão fora do comum que abrem espaço para o desenvolvimento de um intercâmbio ainda mais ágil e proveitoso. Nesse sentido, gostaria de reforçar a conhecida posição do empresariado industrial brasileiro favorável à cooperação do capital estrangeiro." Foi o que afirmou, ontem, o presidente da Fiesp, Luís Eulálio Vidigal, na VIII Reunião Plenária do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos.

Vidigal ressaltou a importância dos investimentos de capital estrangeiro, alegando que o processo de industrialização do País se caracterizou pela associação entre capitais nacionais — privados e públicos — e capitais estrangeiros, sem que houvesse qualquer atrito ou problema maior.

Segundo o presidente da Fiesp, por maiores que sejam os esforços desenvolvidos pelo Brasil nas últimas décadas para assimilação do processo tecnológico, o fato é que, ainda no futuro próximo, o País continuará importando tecnologia. Por isso, ele acredita que uma política mais agressiva por parte das grandes e, mesmo, médias empresas, nesse terreno, será sempre de enorme importância.

— O par que industrial brasilei-

ro expandiu-se e diversificou-se muito nos últimos 30 anos, sem que, contudo, tivesse chegado à condição que caracteriza os países plenamente desenvolvidos. Mais ainda, a empresa privada nacional continua necessitando da proteção que sempre foi dada às suas congêneres em todos os países, nas fases iniciais de sua existência — frisou Vidigal.

Por este motivo, ele acha essencial os novos investidores procurem selecionar áreas de investimentos em que não exista sobreposição de esforços, dando preferência às áreas de investimentos em que a nova unidade produtora se entrose, com o mínimo de atrito e o máximo de eficiência, às unidades já existentes.

Na opinião de Vidigal, a joint-venture é uma opção cada vez mais "atraente" para unir esforços e potencialidades, experiência mundial e conhecimento empírico da realidade nacional e mesmo regional ou local. Ele ressaltou ainda que a joint-venture além disso, facilita o processo de transferência e assimilação de tecnologia pelo parceiro nacional, preenchendo, desse modo, itens essenciais para o bom desenvolvimento da cooperação entre o capital nacional e estrangeiro.

Do ponto de vista econômico, o presidente da Fiesp acredita que o Brasil está em via de completar o processo de superação de suas dificuldades, podendo voltar a atrair investimentos estrangeiros.